

## **Acopiara e O Seminário do Crato**

Por JB Serra e Gurgel (\*)

Não estive no encontro dos ex-seminaristas do Seminário São José do Crato, realizado em 7 de março de 2010. Lamento. Relatos de Auriberto Medeiros Gurgel, Jaile Gurgel e José Jezer de Oliveira revelam o impacto provocado, pela feliz iniciativa liderada por João Pierre. O Seminário guarda uma estreita relação com Acopiara. Todos que terminávamos o primário tínhamos com 1ª opção o Seminário para chegarmos ao ginásio. Por lá passaram desde dom Newton Holanda Gurgel, como os ex-seminaristas Luis Guilherme, Jaile Gurgel, Celso Albuquerque de Macedo, Lincoln Silva, Francisco Gurgel Holanda, Cícero Barbosa da Silva, JB Serra e Gurgel, Napoleão e João Bosco Holanda Gurgel, Auriberto Medeiros Gurgel, Francisco Couto, Vicente e Francisco de Paula Gurgel Cavalcante

As manifestações contidas em O Levita (Ano IV, nº 13) subscritas por Antonio Othon Pires Rolim, Professor José Teodoro Soares, Raimundo de Oliveira Borges, Alcimar Rocha, Itamar Filgueiras, Chico Zé, J. Linhares Filho, José Erlânio Alencar, Geraldo Lemos, dom Newton Holanda Gurgel, o discurso do desembargador Celso Albuquerque de Macedo na Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, compõem um rosário de reflexões sobre um passado das gerações que por lá transitaram, na trilha de encontrar um paradigma de vida.

Inaugurado em 03.03.1875, há 135 anos, por dom Luiz Antonio dos Santos, 1º bispo do Ceará, até 1967, teve 1.858 alunos e ordenou 139 padres, 7,5%, número aparentemente desprezível. Criado com finalidade específica de formar sacerdotes para a Igreja, é certo que funcionou como ginásio e colégio, em regime de internato, muito embora a Diocese do Crato também mantivesse o Colégio diocesano, em regime aberto. Crato foi cidade pólo da região sul do Ceará (Cariri), antes de Juazeiro do Norte, e atraía os meninos que concluíam o curso primário inclusive de cidades próximas de Pernambuco, Bahia, Piauí e Paraíba. Muitos para lá se foram não por vocação sacerdotal, mas na busca de educação e cultura. Na ânsia de deixar pra trás a ignorância e a escuridão e de ver o mundo através de outra janela.

Um meticuloso trabalho elaborado pelos padres Antonio Teodosio Nunes, Antonio Rodrigues Maia e João Bosco Cartaxo Esmeraldo, analisa os

períodos de fechamento em 1877, por causa de uma seca brava que assolou o Ceará e a varíola, em 1891, por causa de crise e de redução de matrículas, 1897, as vésperas da República, causas econômicas, 1915, falta de alunos vocacionados ou não, 1967, redução de matrículas e de ordenações. O período mais longo de funcionamento ininterrupto foi de 1922 a 1967, 45 anos. Desde 1995 que o Seminário funciona de forma continuada. O período de 1950 a 1959 foi considerado “a época mais florescente”, com 531 alunos e 23 ordenações. Quanto às ordenações, o período mais importante foi de 1889/1990, com 40 alunos e 9 ordenações.

Destaca-se que no período de 1930 /1939, primeiro com a Grande Depressão na economia mundial e a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, coincidiu com a presença de 171 alunos e 17 ordenações. Na II Guerra Mundial, no pós guerra e na deflagração da guerra fria, 1940/1949, o Seminário acolheu 219 seminaristas e ordenou 27 padres. Não sei se tais fatos externos, tão distantes do Ceará e do Crato, afetaram tão substancialmente o Seminário, mas o registro é pertinente. Há fatores mais próximos e mais telúricos que tiveram influência mais efetiva. A economia do Cariri e do Ceará era de subsistência com baixos níveis de desenvolvimento científico e tecnológico. Havia escassez de capital público e privado.

O seminário do Crato foi criado como complemento do Seminário de Fortaleza, criado em 18.10.1864. Consta que o padre Cícero Romão Batista, em 1871, sugerira a sua criação. Dom Luiz pediu à Congregação dos Lazaristas padres, que foram do Rio de Janeiro para o Crato, para a implantação do “Seminário de taipa e palha”, com 41 alunos em 1875. Fechado em 1877, o sucessor de dom Luiz, dom Joaquim José Vieira, lançou-se por três vezes na reabertura do Seminário, de 1893 a 1897, com o padre Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, quando dificuldades que viraram o século e chegaram até 1909, só conseguindo reabrir como colégio São José em 1910, fechando em 1913 por falta de alunos. Não havia bolsas nem subsídios públicos para financiar. Em 1914, foi criada a Diocese do Crato, confiada a dom Quintino, que reabriu o colégio São José em 1916 somente em 1922 reabriu o Seminário, desmembrado do de Fortaleza.

No bispado de d. Francisco de Assis Pires, a partir de 1933, muitas intervenções se fizeram na infra-estrutura física das instalações,

abastecimento de água, esgotamento sanitário, banheiros, dormitórios, cozinha, refeitório, campos de esportes, piso, forro, com apoios de autoridades municipais, estaduais e federais. Houve acentuada participação popular para que a capela-mor fosse recuperada. A longa reitoria do monsenhor Pedro Rocha de Oliveira, de 1944 a 1959, de 15 anos, superou as anteriores, de 10 anos, dos monsenhores Joviniano Barreto e Miguel Tavares Campos, dotou o Seminário de um plano pedagógico, com reconhecimento e equiparação do currículos aos dos colégios leigos. Abriu-se o Seminário para a sociedade civil organizada e para as classes médias em estruturação. Muitos ex alunos estavam como atores em diversos cenários e influenciando decisões que contemplassem o Seminário que passou a ter luz própria e visibilidade.

As mudanças sociais que se fazem lentamente não puxaram transformações radicais. Pelo contrário, alunos entravam e saíam em busca de outros projetos. O Seminário Menor fechava um ciclo na vida dos indivíduos. O Seminário recebia-os como crianças, rompendo o cordão umbilical com seus pais e família, e os devolviam como jovens, próximos do serviço militar e de usar a cabeça na luta pela sobrevivência. Se me perguntassem o que o Seminário ajudou de útil, responderia: a pensar, a refletir, a decidir, a ser gente. O ensino tinha qualidade. A educação também, com aulas de civildade. O Seminário Maior, em Fortaleza, projetava o adulto para o sacerdócio, com todas as conseqüências do serviço a ser prestado à Igreja e aos homens. Alguns tiveram chances de sair de Fortaleza para o Vaticano, melhor se preparando para o exercício do ministério religioso.

Soube que os organizadores do encontro tomaram duas decisões que foram significativas: primeiro, na busca procedida, identificaram inúmeros apelidos dados pelos seminaristas uns aos outros, sem que seus nomes estivessem explícitos. O meu era João Grilo, pela magreza estética, Mas me recordo de outros: Barata, Alair Pileiro, Maloteiro, Barata, Palito. A outra de registrar termos e expressões usuais no seminário como o biscoito João Tomé, a gente só acreditava vendo, nas horas de merenda, o feijão cheio de seminaristas (gorgulho, frocar, deixar o seminário).

Uma das coisas que mais me intrigava era a leitura do martiriológio romano. Contaram-me que houve época em que a leitura era feita em latim. Alcancei em português. Não havia jornal, rádio e tevê. No fim de noite, apenas a zoadada de uma amplificadora (serviço de som, no alto do

Seminário) com quem aprendi o Hino Nacional do Crato. Mas o martíriologia tem um ponto bom: o leitor seria premiado com a comida entregue aos padres, na mesa principal em frente aos bancos em que se sentavam os seminaristas. Não que fosse muito diferente, E tinha um ponto complicado a brutalidade como eram descritas as sessões de tortura e martírio. Se expremessem uma folha do livro certamente pingaria sangue... Acabamos todos com ódio mortal as figuras sinistras de Nero e o Diocleciano, mas tomamos conhecimento de vastos territórios como os Capadócia, no Turquia, hoje cenário de turismo de balção e antigamente território livre da perseguição, morte de cristãos. Como eram poucas as ocorrência policiais, terminava assim: “em outras parte, muitos outros santos mártires, confessores e santas virgens”

JB Serra e Gurgel (Acopiara), jornalista e escritor e ex-Seminarista do Crato (1954-1958).